

DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DO PB POR SURDOS FALANTES DE LIBRAS: UM OLHAR SOBRE AS DIFERENÇAS INDIVIDUAIS¹

Wasley de Jesus SANTOS
Universidade Federal da Bahia

Resumo: Nosso propósito, neste artigo, é socializar nossa pesquisa doutoral em andamento cujo objetivo principal é analisar como, e em que medida, variáveis individuais militam no desenvolvimento da escrita do português brasileiro (pb) por surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais (libras), com foco especial na interação entre esses dois sistemas linguísticos. A pesquisa se fundamenta na Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos (TSDC) e nos Modelos Baseados no Uso, ademais de tomar emprestada a literatura da surdez sobre consciência fonológica, cultura/comunidade surda, identidade surda e leitura. Embora seja bastante comum as pesquisas da área de aquisição da linguagem de sujeitos surdos fazerem análises em nível de grupo, nossa pesquisa inova por buscar aspectos idiossincráticos do desenvolvimento da linguagem desses sujeitos, considerando não apenas o linguístico senão também o fisiológico, o social, o cultural e o identitário. A pesquisa conta com a colaboração de, em média, 20 surdos baianos, com idade entre 18 e 50 anos, tendo o 6º ano do Ensino Fundamental II como escolaridade mínima. Além de entrevista-conversa para anamnese individual dos participantes, a pesquisa aplica, em libras e em português, 4 tarefas linguísticas (compreensão leitora e fluência verbal) como instrumento de coleta de dados. O estudo tem caráter experimental, com dados estatísticos, mas também pretende analisar o perfil individual qualitativamente. Desse modo, a pesquisa que aqui apresentamos deseja evidenciar que a interação libras-pb também está relacionada à militância de variáveis não linguísticas, de fatores identitários, subjetivos e, portanto, idiossincráticos, revelando que cada trajetória de desenvolvimento é individual e única.

Palavras-Chave: Desenvolvimento da escrita. Diferenças individuais. Surdos. TSDC.

DEVELOPMENT OF WRITING IN BP BY DEAF SPEAKERS IN LIBRAS: A LOOK AT INDIVIDUAL DIFFERENCES

Abstract: Our purpose in this article is to socialize our ongoing doctoral research whose main objective is to analyze how, and to what extent, individual variables militate in the development of writing in Brazilian Portuguese (bp) by deaf users of the Brazilian Sign Language (libras), with a special focus on the interaction between these two linguistic systems. The research is based on the Theory of Complex Dynamical Systems (TSDC) and on Use-Based Models, in addition to borrowing from the deafness literature on phonological awareness, deaf culture/community, deaf identity and reading. Although it is quite common for research in the area of language

¹ Este trabalho foi apresentado em forma de comunicação oral durante o 18º Seminário de Pesquisas em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté, que ocorreu *online* entre os dias 23 e 24 de setembro de 2022.

acquisition of deaf subjects to carry out analyzes at the group level, our research innovates by looking for idiosyncratic aspects of the language development of these subjects, considering not only the linguistic but also the physiological, the social, the culture and identity. The research counts on the collaboration of, on average, 20 deaf people from Bahia, aged between 18 and 50 years old, with the 6th year of Elementary School II as their minimum schooling. In addition to interview-conversation for individual anamnesis of the participants, the research applies, in Libras and in Portuguese, 4 linguistic tasks (reading comprehension and verbal fluency) as a data collection instrument. The study has an experimental character, with statistical data, but also intends to analyze the individual profile qualitatively. In this way, the research presented here wants to show that the libras-bp interaction is also related to the militancy of non-linguistic variables, of identity, subjective and, therefore, idiosyncratic factors, revealing that each development trajectory is individual and unique.

Keywords: Writing development. Individual differences. Deaf. TSDC.

DESARROLLO DE LA ESCRITURA DEL PB POR SORDOS HABLANTES DE LIBRAS: UNA MIRADA A LAS DIFERENCIAS INDIVIDUALES

Resumen: Nuestro propósito, en este artículo, es socializar nuestra investigación doctoral en curso cuyo principal objetivo es analizar cómo, y en qué medida, las variables individuales militan en el desarrollo de la escritura del portugués brasileño (pb) por usuarios sordos de la Lengua de Signos Brasileña (libras), con especial atención a la interacción entre estos dos sistemas lingüísticos. La investigación se basa en la Teoría de Sistemas Dinámicos Complejos (TSDC) y en Modelos Basados en el Uso, además de tomar prestado de la literatura de la sordera sobre conciencia fonológica, cultura/comunidad sorda, identidad sorda y lectura. Si bien es bastante común que las investigaciones en el área de adquisición del lenguaje de sujetos sordos realicen análisis a nivel de grupo, nuestra investigación innova al buscar aspectos idiosincrásicos del desarrollo del lenguaje de estos sujetos, considerando no solo lo lingüístico sino también lo fisiológico, lo social, lo cultural y lo identario. La investigación cuenta con la colaboración de, en promedio, 20 personas sordas de Bahia, con edades entre 18 y 50 años, con el 6º año de la Enseñanza Básica II como mínimo de escolaridad. Además de la entrevista-conversación para la anamnesis individual de los participantes, la investigación aplica, en libras y en portugués, 4 tareas lingüísticas (comprensión lectora y fluidez verbal) como instrumento de recolección de datos. El estudio tiene un carácter experimental, con datos estadísticos, pero también pretende analizar cualitativamente el perfil individual. De esta forma, la investigación aquí presentada quiere mostrar que la interacción libras-pb también está relacionada con la militancia de variables no lingüísticas, de identidad, subjetivas y, por tanto, idiosincrásicas, revelando que cada trayectoria de desarrollo es individual y única.

Palabras-clave: Desarrollo de la escritura. Diferencias individuales. Sordos. TSDC.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva socializar a pesquisa da tese de doutoramento do autor, na condição de pesquisa em andamento, vinculada ao Laboratório de Ciências da Fala – LAFALA e desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – PPGLinC da

Universidade Federal da Bahia – UFBA. O estudo pretende, como objetivo geral, analisar de que maneira diferenças individuais, considerando-se variáveis² linguísticas e não linguísticas, atuam no desenvolvimento³ da escrita do português brasileiro (pb) por surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais, doravante libras, com foco especial na interação entre esses dois sistemas linguísticos. Ademais, como objetivos específicos, a pesquisa intenciona também: (i) descrever quali-quantitativamente a atuação dessas diferenças individuais e variáveis linguísticas e não linguísticas no processo de desenvolvimento; (ii) investigar o impacto das variáveis não linguísticas nas trajetórias individuais de cada participante surdo; (iii) traçar um perfil desenvolvimental de cada participante da pesquisa; e, por fim, (iv) relacionar os resultados entre si e ao panorama dos estudos sobre escrita e leitura na surdez.

Segundo Bybee (2016), entendemos que a língua(gem)⁴ é construída por um conjunto de princípios cognitivos de domínio geral que, dessa maneira, são compartilhados com outras habilidades cognitivas. Assim, o desenvolvimento da linguagem ocorre em meio, e apenas por meio, da interação constante entre organismos vivos e o ambiente, numa interconectividade contínua e completa. Dessa forma, a linguagem se torna parte de um mundo continuamente em mutação e em andamento, uma realidade adaptativa, haja vista que, na perspectiva da Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos (TSDC), sobre a qual esta pesquisa se fundamenta, conforme será detalhado na segunda seção deste artigo, o desenvolvimento da linguagem não é marcado como tendo início e fim, numa progressão linear e sequencial; pelo contrário, a língua como sistema dinâmico e complexo é desenvolvida como sendo “um fenômeno irregular, não linear, iterativo (o *output* de um ciclo torna-se o *input* do seguinte) e auto-organizado”, segundo Paiva (2020, p. 156).

Isso posto, fica evidente que muitos fatores podem participar dessa interconectividade, desde motivações intrapessoais a estímulos externos, até restrições do ambiente sociopolítico e econômico no qual os sujeitos estão inseridos, conforme assegura Paiva (2020). É por isso, então, que a investigação aqui descrita se interessa pelas trajetórias individuais de cada

² Ver a terceira seção deste artigo.

³ Para Larsen-Freeman e Cameron (2008), citadas por Paiva (2020, p. 157), “a língua nunca é adquirida, dela se participa (Sfard, 1998)”, pois, em Teoria de Sistemas Dinâmicos Complexos, “sistemas abertos nunca são totalmente adquiridos”, segundo afirma Larsen-Freeman (2011), também citada por Paiva (2020, p. 163). Como em nossa pesquisa a língua é tida como um sistema aberto, então, adotamos “desenvolvimento”, em vez de “aquisição” ou “aprendizagem”.

⁴ Neste estudo, não diferenciamos língua de linguagem por entendermos que essas estabelecem uma estreita relação entre si; por isso, em alguns momentos, utilizaremos esta contração.

participante surdo do estudo, como seres inteligíveis em si e por si mesmos, com vistas à influência que a interação entre variáveis linguísticas e não linguísticas pode exercer no percurso individual do desenvolvimento da escrita do pb, como explicaremos na seção sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa.

Conforme os resultados descritos por Santos (2019), sabemos que surdos brasileiros usam a escrita do pb, sua segunda língua (L2), adotando características gramaticais da libras, como também padrões culturais⁵ das comunidades surdas (e.g. nomear – personalizadamente – as pessoas com um sinal em libras, que serve de nome de “batismo” na comunidade surda, e escrever em português, para se referir à pessoa, o nome dado em libras, e não o nome oficial de nascimento dessa pessoa), sua primeira língua (L1), num processo de transferência linguística, um fenômeno típico e esperado de aquisição de línguas adicionais, e cerne de nosso problema de pesquisa, de acordo com a ilustração de nosso esquema a seguir.

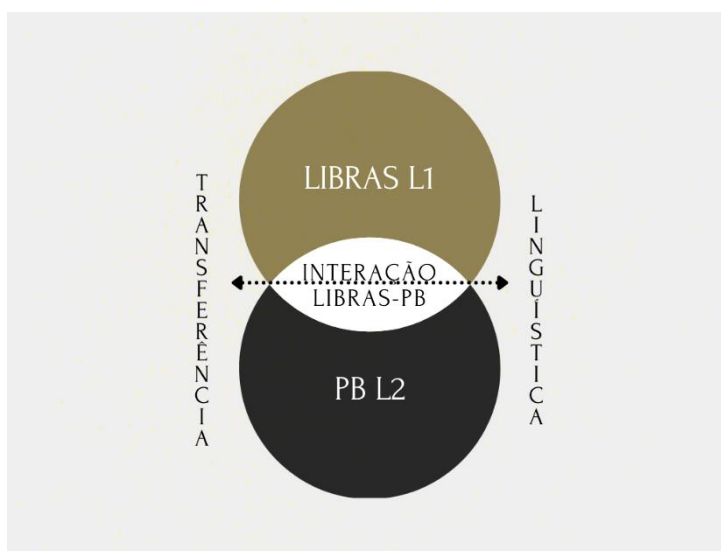


Figura 1 – Interação interlinguística
Fonte: Autoria própria

Nessa esteira, em consonância a Beckner *et al.* (2009), tendo em vista que defendemos, na pesquisa em questão, a língua como um sistema dinâmico e complexo, por meio do qual vários sistemas (linguísticos e não linguísticos) se inter-relacionam, a investigação parte, portanto, para uma análise das diferenças individuais no fenômeno de transferência entre libras-L1 e pb-L2. Isso porque a língua(gem), nessa visão dinâmica e complexa, como ficará mais

⁵ Para mais informações sobre questões culturais surdas, ver Lopes (2012) e Strobel (2016).

bem explicado na próxima seção, é resultado de experiências, interações sociais e mecanismos cognitivos de seus usuários, pois o uso da língua(gem) é um dos determinantes para a aquisição, mudança e evolução linguísticas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa descrita neste artigo se fundamenta na Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos – TSDC, baseando-se nos trabalhos macros de Larsen-Freeman (1997) e Beckner *et al.* (2009). A TSDC nos oferece uma visão ecológica da linguagem, pois, nessa perspectiva teórica, existe uma harmonia entre diferentes sistemas (orgânicos, sociais, atitudinais) que atuam, efetivamente, sobre o conhecimento linguístico. A TSDC também compartilha, em certa medida, aspectos de outras teorias de aquisição de L2; contudo, nas palavras de Larsen-Freeman (2011), citada por Paiva (2020, p. 159, destaque da autora), essa teoria “apoia relatos ecológicos de aprendizagem que não situam seu *locus* exclusivamente na mente/corpo e nem na interação social, mas na interação entre ambos”.

Assim, nossa escolha teórica é orientada, portanto, pelo entendimento que Larsen-Freeman (1997) tem sobre a língua(gem), a qual é caracterizada pela autora como sendo um sistema **dinâmico** (porque muda com o tempo), **complexo** (porque é composto por elementos que estão em constante interação, e essa interação molda o comportamento desse sistema) e **não linear** (porque não há, necessariamente, proporcionalidade entre causa e efeito), como também **caótico** e **imprevisível** (porque é aleatório e instável), **sensível às condições iniciais** (porque o mínimo de mudança no início pode provocar consequências grandiosas depois), **aberto** (porque se alimenta do ambiente, movendo-se e equilibrando-se), **auto-organizável** (porque a ordem emerge naturalmente da desordem), **sensível a feedback** (porque esse “retorno” também provoca mudanças) e **adaptativo** (porque se auto-organiza, aprende e se modifica). Em concordância, Beckner *et al.* (2009), referindo-se à visão de linguagem como um sistema dinâmico complexo, nos dão a seguinte descrição:

O sistema é composto por múltiplos agentes (os falantes na comunidade de fala) interagindo uns com os outros. O sistema é adaptativo, ou seja, o comportamento dos falantes é baseado em suas interações anteriores, e as interações atuais e passadas, em conjunto, alimentam o comportamento futuro. O comportamento do falante é a consequência de fatores concorrentes que variam de restrições

perceptuais a motivações sociais. As estruturas da língua emergem dos padrões de experiências inter-relacionadas, interação social e mecanismos cognitivos (BECKNER *et al.*, 2009, p. 01, tradução nossa).

Nosso estudo também se sustenta nos Modelos Baseados no Uso (ou *usage-based*, no inglês), ancorado em Bybee (2016), modelo teórico que dá suporte à TSDC, uma vez que o uso da língua(gem) é um dos determinantes para a aquisição, mudança e evolução linguísticas. Para Souza (2021, p. 85), “os modelos baseados no uso – conferindo substância a essa denominação – propõem que as representações mentais subjacentes à competência linguística dos falantes são diretamente derivadas de suas experiências no próprio uso da linguagem”. Tais modelos de uso compreendem que a linguagem humana é motivada pelas operações de capacidades e funções cognitivas gerais, sendo a organização da linguagem intrinsecamente correlata a essas mesmas capacidades e funções, de acordo com Souza (2021).

Conforme Silva e Gomes (2020, p. 18), esses modelos são “dinâmicos, sendo atualizados em função dos eventos de uso, isto é, mudam no indivíduo e não entre gerações”. Sendo assim, existem dois princípios desse modelo teórico que satisfazem nossa pesquisa, a saber, ainda segundo essas autoras (*ibidem*): “sua formulação original para categorias não linguísticas (visão), que se estende a categorias linguísticas, ratifica o pressuposto de que a linguagem é parte de uma cognição geral” e “o fato de as instâncias de uso estarem representadas e capturarem aspectos do contexto linguístico, situacional e social, atende ao pressuposto segundo o qual a experiência ou uso impacta o conhecimento abstrato”.

Ademais, tal modelo teórico tem permitido, portanto, situarmos a linguagem humana como um sistema aberto, dinâmico e complexo uma vez que, no entendimento de Gomes (2020, p. 8):

A estrutura se desenvolve sem que haja um plano ou modelo prévio e os agentes, no caso, os falantes, atuam no sistema, porque possuem objetivos semelhantes [...] e utilizam os mesmos mecanismos ou as mesmas capacidades para a linguagem, que envolvem um aparato articulatório universal⁶, propriedades inatas da cognição humana e cognição social.

Além disso, para nosso terceiro aporte teórico, ao considerarmos a necessidade de analisar nossas variáveis, como veremos na seção a seguir, e levando em conta nossos objetivos,

⁶ O aparelho fonatório, no caso de pessoas ouvintes, e o aparelho gesto-visual, no caso de pessoas surdas.

em especial o quarto (iv), tomamos emprestada a literatura da área da surdez sobre leitura, segundo o trabalho teórico de Pereira (2018); sobre consciência fonológica, com base no estudo de Cruz (2018); sobre cultura/comunidade surda, conforme a publicação de Strobel (2016); e sobre identidade surda, de acordo com o trabalho de doutoramento de Perlin (2015).

3. METODOLOGIA

Como já sinalizado, embora grandes grupos de participantes possam ser interessantes para a descrição de padrões centrais do desenvolvimento da escrita do pb, os procedimentos metodológicos com grupos acabam mascarando as peculiaridades ou variações individuais dos participantes. Assim, nesse sentido, nossa pesquisa foca no nível desenvolvimental individual, já que tais variações individuais são essenciais para que se capturem, com vistas ao nosso posicionamento teórico, a não linearidade e a dinâmica da apropriação da escrita.

Para que isso seja possível, focamos em algumas variáveis linguísticas e não linguísticas. Estas variáveis⁷ são investigadas: (i) idade do *onset* do contato da libras e (ii) idade do *onset* do contato com o pb escrito; (iii) frequência de contato com o pb escrito e com a libras; (iv) experiência⁸ com algum sistema de escrita de língua de sinais; (v) língua dominante do núcleo familiar e da vida do participante; (vi) proficiência da leitura labial; (vii) competência leitora no pb; (viii) grau e tipo de surdez; (ix) integração à cultura/comunidade surda e à ouvinte; e, por fim, (x) escolaridade do núcleo familiar e do participante surdo.

3.1. PARTICIPANTES

Com base em nossos objetivos e considerando as variáveis escolhidas, colaboram voluntariamente com este estudo um total de 20 (vinte) participantes surdos usuários de libras.

⁷ A seleção das variáveis, a que chamamos de variáveis idiossincráticas, se respalda em Paiva (2020), para quem o desenvolvimento da L2, numa perspectiva dinâmica e complexa, envolve, pelo menos: estruturas mentais inatas, hábitos automatizados, aculturação, *input* e *output* linguísticos, interação, conexões neurais e mediação sociocultural.

⁸ Preferimos usar este termo, e não aquisição ou aprendizagem, pelo fato de as línguas de sinais ainda serem línguas ágrafas, embora existam sistemas de escrita já convencionados, porém ainda não legalmente adotados, que circulam no Brasil. Conferir Silva *et al.* (2018).

Inicialmente, os participantes são recrutados em sua própria língua por meio de vídeo-convite, enviado via *WhatsApp*.

Adotamos os seguintes critérios: 1- 10 (dez) participantes do sexo feminino e 10 (dez) do sexo masculino; 2- os participantes são adultos maiores de 18 (dezoito) anos e menores de 50 (cinquenta) anos de idade; 3- são estudantes de qualquer nível de ensino, ou podem não estar estudando atualmente (por evasão ou por serem egressos), mas não podem ter escolaridade inferior ao 6º ano do Ensino Fundamental II; 4- com o intuito de termos pessoas surdas falantes de variados dialetos de libras, os participantes são oriundos de comunidades surdas residentes em diferentes cidades da Bahia. Contudo, participantes de outros estados também foram considerados.

5.2. MATERIAIS E PROCEDIMENTOS

A coleta de dados para a pesquisa está dividida em duas grandes partes: entrevista-conversa e tarefas linguísticas. Na primeira parte, os participantes, mediante uma conversa em libras, respondem a uma entrevista semiestruturada composta por 29 (vinte e nove) questões, para construção de anamnese personalizada, de acordo com o Apêndice A. Essa entrevista-conversa em libras, feita pelo próprio pesquisador e gravada por alguma via de webconferência já supracitada, está dividida em três blocos, pela afinidade das questões entre si.

No primeiro bloco da entrevista-conversa, questões de 1 a 10, o participante narra sobre sua vida pessoal. Já no segundo, questões de 11 a 20, o voluntário da pesquisa comenta acerca de sua condição surda e das experiências com as duas línguas envolvidas nesta investigação. Por fim, no terceiro bloco, questões de 21 a 29, o participante relata sobre o uso das línguas e a convivência com as comunidades de fala dessas línguas. Estando o roteiro da entrevista concluído, o participante é liberado para fazer perguntas ao entrevistador.

A entrevista tem uma duração média de 60 (sessenta) minutos. Assim, o participante tem a liberdade de responder aos três blocos de questões num mesmo turno/dia ou em turnos/dias diferentes. Caso opte por fazê-lo num mesmo turno, são concedidas duas pausas de 10 (dez) minutos cada, tendo um intervalo do primeiro para o segundo bloco e do segundo para o terceiro bloco.

Ainda sobre a primeira parte da coleta de dados, foi criada uma pasta virtual para cada participante e as respectivas respostas têm sido armazenadas em nuvem num *drive*. A depender da necessidade do pesquisador, as respostas podem ser transcritas para o português escrito. As respostas dadas ao entrevistador na entrevista-conversa são convertidas em tabelas (valores, variáveis nominais, numéricas e intervalares) para o devido tratamento estatístico, conforme nossos objetivos; pois, como se trata de uma análise de diferenças individuais, e tendo em vista que o questionário dá conta de nossas variáveis selecionadas, as entrevistas dão origem a biografias individuais para cada participante. Na segunda parte da coleta de dados, dividida em dois dias intercalados, é aplicado, pelo próprio pesquisador, também por meio de webconferência gravada, um total de quatro tarefas linguísticas, conforme descrevemos a seguir.

No primeiro dia dessa segunda parte da coleta de dados, os participantes e o pesquisador devem interagir apenas em libras. São realizadas duas tarefas linguísticas em libras: tarefa 1 – descrição de cena e relato de vídeo⁹ do tipo animação, não verbal, apenas imagético. Aqui, o participante, após a exibição do vídeo, deve explicar ao pesquisador o entendimento da historieta. Nosso objetivo com isso é analisar a amplitude do vocabulário em libras e o nível de compreensão. Já na tarefa 2 – o participante deve sinalizar o máximo de frutas e vegetais que conseguir em um minuto cronometrado; depois disso, o maior número de animais que conseguir também em um minuto cronometrado. Nosso propósito com essa segunda tarefa é averiguar a fluência verbal em libras.

No segundo dia dessa segunda parte da coleta de dados, os participantes e o pesquisador devem interagir apenas em português escrito. São realizadas duas tarefas linguísticas em português escrito: tarefa 3 - um texto¹⁰ curto, em português escrito, é apresentado na tela para leitura e o participante deve informar quando termina de ler, então o texto é removido e o pesquisador escreve pelo *chat* da plataforma algumas poucas perguntas básicas de interpretação textual, às quais o participante responde também por escrito pelo *chat*. Nosso intuito com essa tarefa é verificar a compreensão leitora em português. Já na tarefa 4 – o participante deve escrever no *chat* o máximo de frutas e vegetais que conseguir em um minuto cronometrado; depois disso, o maior número de animais que conseguir também em um minuto

⁹ Dia Mundial da Gentileza 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A6PWu3EH7Xw>.

¹⁰ Gênero textual “nota de pesar”. Disponível em: <https://www.cmd.mg.gov.br/portal/noticias/0/3/46133/nota-de-pesar>.

cronometrado. Nosso propósito com essa segunda tarefa é averiguar a fluência verbal em português.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO PARCIAIS

De início, ressaltamos que, até onde nossas pesquisas alcançaram, esta pesquisa aqui apresentada é a primeira em solo nacional a concatenar a influência interlinguística no desenvolvimento da escrita do pb por surdos e a TSDC, o que, por si só, já justifica tanto o ineditismo da pesquisa como a empreitada acadêmica sobre a qual nos lançamos. Além disso, convém dizermos que, analisando cada percurso individual de desenvolvimento da escrita da L2 dos colaboradores surdos do estudo, conforme detalhamos na seção de metodologia, nossa investigação rompe com a tradição metodológica da área, como já afirmamos anteriormente, reforçando – mais uma vez – o caráter original de nossa investigação, uma vez que as pesquisas que abordam o fenômeno da transferência linguística com pessoas surdas, geralmente, partem da análise linguística no nível do grupo, como se constata nos trabalhos teóricos de Brochado (2003), Lima-Salles e Chan-Viana (2010), Silva (2016), Meira (2017) e Santos (2019), apenas citando exemplos.

Nesse sentido, como sinaliza Kupske (2021), precisamos investir mais na investigação da gradualidade e da não linearidade no campo da aquisição. Embora a análise em nível de grupo seja válida para a descrição das tendências centrais de um fenômeno, ela suprime as idiosincrasias ou variações individuais dos participantes do estudo, trazendo à tona apenas aqueles padrões mais persistentes da população testada. Nesse sentido, propostas que se debrucem sobre o nível desenvolvimental individual, como no caso da pesquisa que apresentamos neste trabalho, essenciais para capturarmos a não linearidade e a dinâmica da aquisição, bem como propostas qualitativas devem ser consideradas. Assim, o estudo em questão busca suprir essa lacuna na área de aquisição do pb escrito por surdos.

Dando seguimento à defesa da relevância desta pesquisa e de sua originalidade, vejamos a Figura 2 adiante.

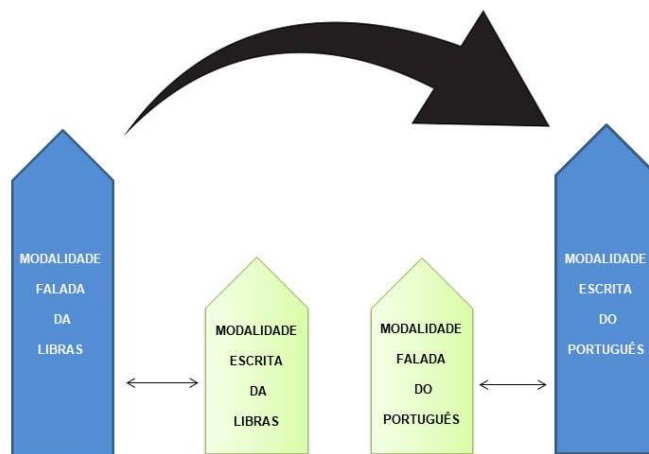


Figura 2 – Contexto da problemática do pb como L2 para surdos
Fonte: Adaptado de Alves e Lessa-de-Oliveira (2022)

De acordo com a Figura 2, o surdo salta, na maioria das vezes, duas modalidades linguísticas consideradas importantes, no caso próprio do surdo, para o desenvolvimento da escrita do pb: a escrita da libras e a oralidade do pb. Ocorre que a maioria dos estudos na área (cf. BROCHADO, 2003; ALMEIDA, 2007; SILVA, 2016; MEIRA, 2017; SALLES; MESQUITA, 2018; SILVA, 2018; SANTOS, 2019; ABREU, 2020), fazendo generalizações da população surda participante estudada, se apega apenas a alguns aspectos linguísticos quando abordam essa problemática da escrita do pb por surdos como L2, conforme exposta na Figura 2, desprezando, por exemplo, a etiologia e a tipologia da surdez do indivíduo, seu grau de interação sociocultural com comunidades de fala (comunidade surda e comunidade ouvinte) e as experiências escolares e sociais de uso e contato tanto com a língua de partida como a língua-alvo, o que permitiriam, na visão de nosso embasamento teórico, um maior ou menor aprimoramento dessa L2, a língua-alvo.

Apesar de esta pesquisa ainda estar em andamento, como já esclarecemos, é possível aventarmos questões teóricas atinentes ao problema de nossa pesquisa. Olhando para nossas variáveis e, ao mesmo tempo, acionando aqui hipóteses para nossa investigação, podemos pensar no seguinte: o *onset* de aquisição da libras e do pb pode auxiliar no cruzamento de dados com a frequência de contato com essas duas línguas, uma vez que, para Larsen-Freeman (1997), a quantidade de *input*, a quantidade de interação e a quantidade e o tipo de *feedback* recebido contribuem para o desenvolvimento da L2 do aprendiz.

Em continuação, averiguar a língua dominante do núcleo familiar do participante da pesquisa, bem como a escolaridade tanto desse núcleo como desse participante, ademais de sua competência leitora, talvez nos possibilite entender o desenvolvimento da L2 como um sistema aberto, já que o ambiente familiar pode levar energia para esse sistema, ou seja, alimentá-lo e fazê-lo crescer.

Além disso, observar o nível de integração sociocultural que o participante surdo tem tanto com a comunidade ouvinte quanto com a comunidade surda, ou seja, se identitariamente ele se aproxima mais ou menos da comunidade surda/ouvinte, pode nos dá pistas sobre a subjetividade da trajetória individual de cada participante, visto que “os contextos sociais são imprescindíveis para o desenvolvimento da L2, pois oferecem experiências variadas de uso da língua”, como afirma Paiva (2020, p. 158).

Dando seguimento, a experiência de aprendizagem com algum sistema de escrita de língua de sinais pode garantir a consciência fonológica que o surdo tem de sua L1, como também permitir que o surdo se aproprie dos diversos aspectos da cultura escrita, o que, a nosso ver, enriquecerá o desenvolvimento da escrita da L2.

Considerando ainda a complexidade de sistemas linguísticos, pontuamos que o grau e o tipo de surdez, além da proficiência na leitura labial, podem proporcionar ao surdo maior ou menor consciência fonológica do pb, o que pode refletir diretamente na escrita dessa L2, pois o acesso à parte acústica do pb poderá guiar o aprendiz no processo de desenvolvimento da escrita. Essa dinamicidade confirma o que dizem Larsen-Freeman e Cameron (1998), traduzidas por Paiva (2020, p. 155):

Uma perspectiva da teoria da complexidade vê a língua em uso não como um sistema atemporal, fechado, autônomo e fixo, mas como um sistema dinâmico que emerge e se auto-organiza a partir de padrões recorrentes de uso da língua em diferentes escalas de tempo – dos milissegundos das conexões neurais aos milênios da evolução – e através de uma amplitude de níveis, do individual aos pares interactantes até às comunidades de fala.

Dessa forma, interpretamos que tanto as variáveis linguísticas quanto as não linguísticas constituem as idiosincrasias intrínsecas a cada sujeito surdo participante desta investigação, pois um sistema dinâmico não pode funcionar independentemente de seu ambiente, já que

padrões de sistemas dinâmicos são caracterizados pelos meios da tarefa que esses padrões realizam, segundo postula Larsen-Freeman (1997).

5. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Retomando nossos propósitos, com este trabalho, desejamos socializar a pesquisa doutoral do autor cujo objetivo é analisar como e em que medida diferenças individuais, por meio de uma seleção de variáveis linguísticas e não linguísticas, atuam no desenvolvimento da escrita do pb por surdos falantes de libras em um contexto de sistema interlinguístico, com vistas, especificamente, ao fenômeno da transferência de características do sistema gesto-espaco-visual da L1 dos surdos para o sistema gráfico-visual de sua L2, o pb escrito. Portanto, este estudo considera aspectos não linguísticos como características idiossincráticas, pois investiga também se, e de que maneira, variáveis sociais, culturais e identitárias militam no processo de desenvolvimento da escrita do pb por surdos usuários de libras.

Compreendemos, conforme as citações que trouxemos de nosso aporte teórico, que o desenvolvimento de uma segunda língua, de natureza diferente da primeira do aprendiz, como é o caso de surdos brasileiros aprendendo o português, se dá como um sistema aberto, dinâmico e complexo, no qual não podemos deixar de considerar: as estruturas mentais inatas (e.g. aquelas responsáveis por restringir a aprendizagem da língua(gem)); as condições iniciais para o desenvolvimento da L2; a relação mais estreita ou mais distante dos participantes surdos com sua própria comunidade surda e com a nossa comunidade ouvinte, o que provoca experiências diversas de uso da língua, imprescindíveis a qualquer aprendiz de L2; se a escolaridade do participante confirma ou não a não linearidade do sistema, pois anos de estudo formal do pb podem não dá ao surdo a competência linguística esperada; ou se uma pequena mudança nessa ordem, como um novo trabalho com colegas ouvintes ou o ingresso no Ensino Superior, em que a necessidade de domínio do pb se dá por motivos outros, pode provocar um desempenho satisfatório na escrita dessa L2, comprovando, portanto, que o sistema realmente é sensível às condições iniciais e a *feedbacks*.

Diante disso, a pesquisa que aqui apresentamos deseja evidenciar que a interação libras-pb também está relacionada à militância de variáveis não linguísticas, de fatores identitários, subjetivos e, portanto, idiossincráticos, revelando que cada trajetória de

desenvolvimento é individual e única, motivo pelo qual a TSDC e os Modelos Baseados em Uso são adotados como âncora teórica.

Por fim, pretendemos, quando da obtenção dos resultados final da pesquisa, tornar pública a confirmação (ou não) de nossas hipóteses e o alcance de nossos objetivos, com a intenção primordial de revelar novas nuances pertinentes ao processo de desenvolvimento da escrita do pb por surdos. É dessa forma que acreditamos poder contribuir com a área de Aquisição/Desenvolvimento da Linguagem, de Bilinguismo e de Educação Bilíngue de Surdos, pois esperamos entregar à área científica insumos acerca das variáveis e diferenças individuais desses sujeitos no tocante ao processo de seu desenvolvimento linguístico. Nesse sentido, este trabalho busca não apenas alimentar a área da Aquisição da Linguagem, mas, também, por extensão, as políticas linguísticas e de inclusão dos sujeitos surdos no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Janete Alves de. **Aquisição do sistema verbal do português-por-escrito pelos surdos**. Orientadora: Daniele Marcelle Grannier. 2007. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2007.
- ABREU, Fani Costa de. **A categoria determinante na aquisição de português (L2) escrito por surdos**. Orientadora: Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles. 2020. 193f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2020.
- ALVES, Marcelo Meira. **A categoria tempo na interlíngua Português-Libras: aquisição do português escrito como L2 por surdos**. Orientadora: Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira. 2017. 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2017.
- ALVES, Marcelo Meira; LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. Caracterização da interlíngua de surdos adquirindo o português escrito como L2. **Revista Moara**, Belém, [2022?]. No prelo.
- BECKNER, Clay *et al.* Language is a Complex Adaptive System: Position Paper. **Language Learning**, Michigan, v. 59, n. 1, p. 1-26, 2009.
- BROCHADO, Sônia Maria Dechandt. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira**. 2003. 431f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2003.

BYBEE, Joan. **Linguagem, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CRUZ, Carina Rebello. Consciência fonológica da língua de sinais: implicações na linguagem e na leitura. **ReVEL**, edição especial, v. 16, n. 15, p. 63-82, 2018.

GOMES, Christina Abreu (org.). **Fonologia na perspectiva dos modelos de exemplares**: para além do dualismo natureza/cultura na ciência linguística. São Paulo: Contexto, 2020.

KUPSKE, Felipe Flores. Atrito lingüístico. In: KUPSKE, Felipe Flores; ALVES, Ubiratã Kickhöfel; LIMA JR., Ronaldo. **Investigando os sons de línguas não nativas**: uma introdução. Campinas: Editora da ABRALIN, 2021. pp. 99-128.

LARSEN-FREEMAN, Diane. Chaos/Complexity Science and second language acquisition. **Applied Linguistics**, v. 18, n. 2, p. 141-165, 1997.

LIMA-SALLES, Heloísa Maria Moreira; CHAN-VIANNA, Adriana Cristina. Estudo da interlíngua de surdos usuários de Língua de Sinais Brasileira na aquisição de português (L2): nominais nus e definidos genéricos (Study of the interlanguage of deaf, users of Brazilian Sign Language, in the acquisition of Brazilian Portuguese). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 241-264, 2010. DOI: 10.22481/el.v8i1.1122. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1122>. Acesso em: 21 maio 2022.

LOPES, Maura Corcini (org.). **Cultura surda & Libras**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Aquisição de segunda língua**. São Paulo: Parábola, 2020. *E-book*. (Série Estratégias de Ensino).

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. Ensino/aprendizagem da leitura em Língua Portuguesa para/por adolescentes surdos. **ReVEL**, edição especial, v. 16, n. 15, p. 137-158, 2018.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos Bernardo. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 8. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2015. cap. 3.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima; MESQUITA, Aline Camilla Romão. Aquisição de português (escrito) como segunda língua por surdos: resultados da pesquisa linguística e implicações educacionais. **Polifonia**, Cuiabá-MT, v. 25, n.38.1, p. 01-192, maio-agosto. 2018.

SANTOS, Wasley de Jesus Santos. **Sobre nomes e verbos na interlíngua de surdos brasileiros**. Curitiba: CRV, 2019.

SILVA, Alan David Sousa *et al.* Os sistemas de escrita de sinais no Brasil. **Revista Virtual de Cultura Surda**, Petrópolis, v. 1, n. 23, p. 1-30, 2018. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/2%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%2023%20de%20SOUSA%20SILVA%20e%20Outros.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2021.

SILVA, Camila Michelyne Muniz da. **A interlíngua Português-Libras na produção textual escrita de pessoas surdas adultas usuárias de libras aprendizes do Português escrito como segunda**

língua. Orientador: José Alberto Miranda Poza. 2018. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras, Recife, 2018.

SILVA, Joyce Maria Sandes da. **A categoria verbal em interlíngua Português-Libras: aquisição da modalidade escrita do Português para surdos.** Orientadora: Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira. 2016. 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2016.

SILVA, Thaís Cristófar; GOMES, Christina Abreu. Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares. *In*: GOMES, Christina Abreu (org.). **Fonologia na perspectiva dos modelos de exemplares:** para além do dualismo natureza/cultura na ciência linguística. São Paulo: Contexto, 2020. p. 13-36.

SOUZA, Ricardo Augusto de. **Segunda língua:** aquisição e conhecimento. São Paulo: Parábola, 2021.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 4. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2016.

APÊNDICE A – ENTREVISTA-CONVERSA

1- Seu nome:

2- Sua idade:

3- Você tem nome em libras (seu sinal)?

4- Com quem você mora?

5- Qual a idade de cada pessoa com quem você mora?

6- Qual a sua escolaridade?

7- Qual a escolaridade de cada pessoa com quem você mora?

8- Em qual língua essas pessoas se comunicam com você?

9- Em que língua essas pessoas se comunicam entre si?

10- Essas pessoas sabem libras?

11- Com que idade você ficou surd@? Tente explicar como aconteceu.

12- Qual o tipo de sua surdez?

13- Qual o grau de sua surdez?

14- Você tem algum exame ou relatório que comprove seu tipo e grau de surdez?

15- Com que idade, aproximadamente, você começou a ter contato com libras? Tente explicar como foi.

16- Com qual modalidade da libras você tem mais contato?

- Sinalizada
- Escrita
- Sinalizada e escrita

17- Com quem, geralmente, você usa libras? Em quais contextos principalmente?

18- Com que idade, aproximadamente, você começou a ter contato com português? Tente explicar como foi.

19- Com qual modalidade do português você tem mais contato?

- Escrita
- Oral
- Escrita e oral

20- Com quem, geralmente, você usa português? Em quais contextos principalmente?

21- Das opções abaixo, como você avalia sua frequência de contato com libras?

- Sempre uso libras
- Raramente uso libras
- Nunca uso libras

22- Se você usa libras, costuma usar mímica para se comunicar com ouvintes?

- Sempre uso mímica
- Raramente uso mímica
- Nunca uso mímica

23- Das opções abaixo, como você avalia sua frequência de contato com português?

- Sempre uso português
- Raramente uso português
- Nunca uso português

24- Você faz leitura labial? Pode marcar mais de uma opção.

- Tenho facilidade com leitura labial
- Gosto de fazer leitura labial
- Tenho dificuldade com leitura labial
- Não gosto de fazer leitura labial

25- Você escreve em libras? Pode marcar mais de uma opção.

- Sempre escrevo em libras
- Tenho afinidade com a escrita de libras
- Raramente escrevo em libras
- Não tenho afinidade com a escrita de libras
- Nunca escrevo em libras

26- Se você escreve em libras, em quais contextos você usa essa escrita?

27- Você se identifica como surd@?

- Sempre me identifico como surd@
- Raramente me identifico como surd@
- Nunca me identifico como surd@

28- Você se identifica mais com qual comunidade?

- Comunidade surda
- Comunidade ouvinte
- Nenhuma

29- Você, geralmente, convive mais com surdos ou com ouvintes? Pode marcar mais de uma opção.

- Sempre convivo com surdos Sempre convivo com ouvintes
- Raramente convivo com surdos Raramente convivo com ouvintes
- Nunca convivo com surdos Nunca convivo com ouvintes

Wasley de Jesus SANTOS

Doutorando (área de aquisição de línguas) pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – PPGLinC da Universidade Federal da Bahia – Ufba. Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Uesb. Atua como professor de libras nos cursos de graduação, pós-graduação e extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IF Baiano.